

## **Percepções docentes sobre mudanças curriculares numa rede municipal de ensino.**

Cássia Alessandra Pereira Santos<sup>1</sup>

Adair Mendes Nacarato<sup>2</sup>

### **Resumo**

Este trabalho é recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, que busca compreender as percepções de professores de uma rede municipal de ensino referentes às mudanças curriculares decorrentes de novos Planos de Governos. Neste texto apresenta-se uma entrevista piloto realizada com uma professora atuante há mais de vinte anos nessa rede de ensino. O relato evidencia que as mudanças curriculares, muitas vezes impostas de forma verticalizada pelas gestões, impactam diretamente a prática docente, mas não necessariamente rompem com o trabalho realizado em sala de aula, especialmente quando o professor mobiliza sua autonomia pedagógica fundamentada em estudos e reflexões críticas. As falas da entrevistada revelam tanto os desafios impostos pela burocracia e pela rotatividade de gestores escolares quanto a importância de considerar as especificidades territoriais e o diálogo com os docentes na formulação de políticas.

Palavras-chave: currículo; narrativas de professores; experiência docente

### **1. Introdução**

A rede de ensino do município onde a pesquisa está sendo realizada, conta com uma estrutura de aproximadamente 40.000 estudantes de 4 meses até 11 anos na rede regular (Creche, Educação Infantil e Ensino Fundamental I) e jovens a partir de 15 anos (sem limite de idade) na Educação de Jovens e Adultos. Possui cerca de 4.000 educadores, sendo diretores de escola, professores, educadores infantis, agentes operacionais, auxiliares administrativos, cozinheiros, além de profissionais de apoio, intérpretes de libras, estagiários e cuidadores.

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Universidade São Francisco, E-mail: cassia.alessandra@mail.usf.edu.br

<sup>2</sup> Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Universidade São Francisco, E-mail: adair.nacarato@usf.edu.br

Atualmente, todas as 105 escolas (incluindo a Educação de Jovens e Adultos) estão vivenciando a implementação de um novo programa de governo devido ao resultado das eleições 2024 para prefeito municipal da qual, o vencedor foi o candidato que estava concorrendo para o início do cargo nos próximos 4 anos.

O Programa de Governo é um conjunto de ações que atuam na organização de um segmento público. No Brasil, é um instrumento que se refere à gestão pública, organizando o desenvolvimento de normas, financiamentos, incentivos fiscais, atividades e projetos. O intuito dos programas de governo é solucionar problemas no que tange ao atendimento de uma demanda social. Em todo município, a educação é um direito fundamental e deve ser tratada com planejamento e organização para garantir qualidade, acesso e continuidade no ensino aos estudantes e, para que isso aconteça, é essencial que cada município tenha no plano de governo ações voltadas à educação.

As práticas realizadas na sala de aula, nas escolas municipais, de acordo com as orientações recebidas, precisam estar conectadas ao contexto do plano de governo vigente entrelaçando a concepção de ensino adotada. A cada troca de plano de governo, a educação sofre influência direta com as mudanças políticas e administrativas ocorridas no município, especificamente na rede municipal de ensino. Num cenário político onde prefeitos se alternam a cada quatro anos, caso não haja reeleição, é comum que novas gestões tragam propostas de políticas públicas que impactam diretamente o currículo escolar. As mudanças, por vezes, refletem não apenas diferenças ideológicas, mas também as prioridades e intenções de cada administração municipal.

Neste contexto, esta pesquisa busca investigar como os professores, por meio de suas narrativas, revelam as transformações curriculares ocorridas na rede municipal de ensino. Ao colocar-se à escuta dos docentes, espera-se compreender os impactos das mudanças administrativas e políticas no âmbito educacional, analisando como as alterações de programas curriculares dão continuidade ou ruptura de projetos pedagógicos. Dessa forma, a pesquisa contribuirá para uma reflexão sobre os desafios da gestão educacional em contextos de instabilidade política e administrativa, destacando a importância de construir políticas públicas educacionais sustentáveis e sensíveis à realidade dos profissionais da educação.

Apresenta-se aqui, portanto, um recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento, que busca compreender como uma professora dessa rede municipal percebe e vivencia tais mudanças, através de uma entrevista narrativa. .

## **2. Metodologia**

A pesquisa possui abordagem qualitativa e fundamenta-se nos pressupostos da narrativa como forma de produção de conhecimento. A entrevista narrativa (EN) com professores tem um grande valor para entender a educação a partir das experiências dos mesmo deles, mas faz-se necessário ressaltar que toda narrativa de vida precisa ser complementada com uma análise crítica, comparação de dados e inserção no contexto social e histórico para evitar que a pesquisa se torne apenas uma coleção de relatos individuais e fragmentados. A EN é considerada mais profunda, pois vai além do esquema pergunta-resposta da maioria das entrevistas (Moura e Nacarato, 2017).

Tem-se que ouvir o outro com respeito, com disposição e com tempo, pois o sentido das narrativas não está somente no fim das entrevistas, o sentido permeia toda a história do entrevistado. Colocar-se à escuta de professores, não é somente estar em busca de dados, mas sim de acolher sentidos para aquilo que os tocaram, os afligiam, vivenciaram e os transformaram. É um gesto ético, de confiar na palavra do professor e revela-se um ato político, um cenário em que tantas vezes o saber docente é desqualificado. Moura e Nacarato (2017) destacam que a entrevista narrativa é um dispositivo potente para análise das trajetórias docentes, pois acolhe as marcas, fragilidades e resistências que compõem a profissão.

Para a realização da pesquisa, utilizarei o método biográfico, com a entrevista narrativa como fonte de produção de dados, partindo da escuta atenta e análise das experiências de professores que atuam na rede municipal de ensino com mais de 15 anos. O tempo de trabalho escolhido é em decorrência de que, professores que exercem sua função com o tempo superior a 10 anos, já vivenciaram mudanças nos programas destinados à educação nesse município.

Iniciei com uma entrevista piloto, onde convidei uma professora que ingressou na rede municipal em 2006 e acumula experiência anterior. A entrevista foi agendada em comum acordo com a participante, realizada presencialmente após o horário de trabalho dela. As perguntas geradoras da narrativa definidas, contemplavam questões sobre infância, processo de escolarização, trajetória docente, experiências na rede municipal e percepções acerca das mudanças curriculares. O encontro foi gravado em áudio, transcrito integralmente e, posteriormente, submetido à participante para validação.

Conforme Jovchelovitch e Bauer (2005), a entrevista narrativa permite que os sujeitos organizem suas experiências em forma de história, revelando sentidos e subjetividades. Primeiro realizei a categorização da narrativa por temática, buscando identificar os principais eixos do relato: trajetória formativa e profissional; experiências na rede municipal; percepções sobre mudanças curriculares e autonomia docente e desafios enfrentados. Após, parti para a organização e análise de dados através de um biograma com a definição dos incidentes críticos da narrativa.

### **3. Biogramas e Incidentes Críticos como ferramentas de análise**

Para a organização e interpretação da entrevista piloto, optei pelo uso do biograma, baseando-se em Segovia, Martos e Martos Titos (2017), que trazem o conceito de biogramas como uma trama que permite visualizar a ordem cronológica e os principais acontecimentos relatados pelos entrevistados. Dessa maneira, favorece a compreensão do processo de desenvolvimento profissional e identitário dos professores, uma vez que possibilita identificar referenciais significativos, discontinuidades críticas e permanências estruturantes em suas trajetórias.

O biograma não se limita a uma simples linha do tempo. Trata-se de uma ferramenta que articula acontecimentos oferecendo ao pesquisador uma estrutura para compreender como as experiências são significadas e reinterpretadas ao longo do percurso docente. Assim, permite identificar não apenas o “o que aconteceu”, mas também os sentidos atribuídos a cada experiência vivida.

Associado ao biograma, utilizei a noção de incidentes críticos, entendidos como momentos singulares da trajetória que marcaram de forma decisiva a constituição

profissional do sujeito. Esses incidentes, identificados na narrativa, revelam situações de conflito, superação, resistência ou ressignificação que, de algum modo, transformaram a prática docente ou a identidade profissional da professora entrevistada, aqui nomeada com o pseudônimo de Maria. A construção do biograma com base nos incidentes críticos contribui, portanto, para uma análise que não fragmenta a narrativa em dados isolados, mas a organiza de modo a evidenciar processos e sentidos que estruturam a história de vida profissional.

Dessa forma, o Quadro 1 foi elaborado sintetizando os principais acontecimentos da trajetória docente em ordem cronológica, acompanhados dos respectivos incidentes críticos e de excertos da narrativa. Essa sistematização permitiu organizar visualmente os momentos relatados pela professora, evidenciando as marcas que atravessam sua constituição identitária e profissional e oferecendo subsídios para a análise posterior.

**Quadro 1 – Trajetória profissional da professora Maria**

Cronologia	Acontecimento	Incidente Crítico	Excerto da Narrativa
Infância e escolarização.	Estudou no SESI com metodologia rígida e preconceito racial.	Metodologia engessada e discriminação influenciam sua visão docente.	“O SESI <sup>3</sup> era muito disso, enfiava tudo num saco, e aí tinha que ser daquela forma... Sofri preconceito racial porque o SESI tinha essa questão também de padrões.”
Adolescência / Formação	Tentativa frustrada no magistério e persistência no CEFAM.	Fracasso inicial e resiliência ao recomeçar o ensino médio para realizar o sonho de ser professora.	“Prestei e não passei... No ano seguinte, eu fui prestar de novo no CEFAM <sup>4</sup> ... eu começo de novo, porque eu quero ser professora.”

<sup>3</sup> SESI é a sigla de Serviço Social da Indústria.

<sup>4</sup> CEFAM significa Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério.



Início da carreira (1999).	Primeiro trabalho na APAE, formação específica e 10 anos de atuação na instituição.	Experiência inicial marcante em educação especial.	“Meu primeiro trabalho como professora foi em Várzea Paulista, na APAE <sup>5</sup> ... Fiquei dez anos lá. Fui coordenadora pedagógica lá e tudo.”
Carreira em diferentes instituições e redes de ensino.	Trabalho no Estado, escolas particulares e concursos municipais	Diversidade de experiências até consolidar-se no município.	“Trabalhei no Estado, trabalhei na Divina Providência, no Crescer... até chegar no no município em 2006.”
Atuação em Jundiaí (2006–2023)	19 anos na rede, 17 na mesma escola.	Consolidação profissional e permanência em um mesmo contexto.	“Agora em agosto completa 19 anos de ensino aqui no município. 17 anos na mesma escola.”
Mudanças curriculares	Implantação de propostas (histórico-crítica, Escola Inovadora, material Bradesco)	Falta de diálogo e imposição de políticas educacionais.	“As gestões adentrarem com novas metodologias... não dá para pegar e jogar. Falta diálogo, ouvir quem está na base.”
Inclusão em sala de aula.	Turma com seis alunos com deficiência, apoio insuficiente.	Sobrecarga e centralidade da responsabilidade no professor.	“Foi um ano extremamente desgastante, porque eu tinha que fazer com que eles aprendessem, todos, e eu tinha o conteúdo de quinto ano para dar.”

---

<sup>5</sup> APAE é a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.

Autonomia e resistência	Conflitos com diretores e recusa em atividades impostas.	Afirmação da autonomia docente frente à burocracia e imposições.	“Nunca fui no Voa a Pé <sup>6</sup> ... Sofri represália, fui processada, pediram minha exoneração, ganhei o processo.”
Reflexão final	Defesa da criança como centro do processo educativo.	Síntese de sua prática: estudo, autonomia e foco no aluno.	“Se a gente parar para pensar que, no meio de tudo isso, tem uma criança que precisa aprender, tudo fica mais leve.”

Fonte: Elaboração da pesquisadora

#### 4. Discussão e considerações finais

A entrevista piloto revelou elementos para a pesquisa sobre percepções docentes diante de mudanças curriculares. A trajetória da professora evidencia a influência das experiências pessoais na constituição da identidade docente, assim como a relevância da formação contínua. As falas da professora apontam que mudanças curriculares, quando implementadas sem diálogo, tendem a gerar tensões. Entretanto, a autonomia docente, aliada ao compromisso com a aprendizagem, pode atuar como elemento de ressignificação. Fica evidente como experiências pessoais, sociais e profissionais influenciam a constituição da identidade docente e moldam a forma como essas mudanças são compreendidas e enfrentadas na prática cotidiana da escola. Passeggi (2016), aponta que a aprendizagem é um processo autobiográfico, construído a partir das experiências de vida e esta entrevista reforça essa perspectiva ao relatar que as escolhas profissionais são influenciadas por vivências marcantes desde a infância, tornando-se base para sua prática pedagógica. Essa prática, por sua vez, é constantemente reelaborada por meio de estudos, reflexões e adaptações às necessidades reais de seus alunos.

---

<sup>6</sup> O “Voa Pé” fez parte de uma programação de vivências, brincadeiras e atividades culturais e esportivas de volta às aulas na rede municipal onde a pesquisa está sendo realizada.

A professora entrevistada revela sua construção identitária ao relatar como enfrentou diferentes programas de governo, sem abrir mão de sua coerência pedagógica e do compromisso com a aprendizagem dos estudantes. Essa concepção se reflete na forma como ela compreende sua função: não como mera executora de diretrizes curriculares, mas como uma profissional que interpreta, adapta e transforma tais propostas de acordo com o contexto de sua sala de aula. Assim, conclui-se que políticas públicas educacionais que não consideram a escuta qualificada dos docentes tendem a enfrentar resistências e fragilizar os processos educativos. Ao contrário, reformas construídas com diálogo, reconhecimento e valorização da experiência docente têm maior potencial de contribuir de forma efetiva para a aprendizagem dos estudantes e para a construção de uma educação pública de qualidade.

#### **AGRADECIMENTOS:**

##### **CAPES**

**Universidade São Francisco e todos os docentes do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, em especial Adair Mendes Nacarato.**

**Grupos de estudo: HIFOPEM E GRUCOMAT**

#### **REFERÊNCIAS:**

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. **Entrevista narrativa**. In: BAUER, M.W.; GASKELL, G. (orgs.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, p. 90-113.

LÓPEZ CARRETERO, Asunción. **Ensinar o ofício do ensino: um ofício da alma**. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, SP, v.14, n.3, p.917-927, jul./set. 2019.

MOURA, J.F.; NACARATO, A.M. **A entrevista narrativa: dispositivo de produção e análise de dados sobre trajetórias de professoras**. Cadernos de Pesquisa, São Luís, v.23, n.2, p.15-30, jan./abr. 2017.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **A experiência em formação**. Educação, Porto Alegre, v.34, n.2, p.147-156, 2011.



Fórum Ibero-Americano  
de Pesquisas em Educação

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador.** Revista Práxis Educacional, Vitória da Conquista/BA, v.17, n.44, p.1-21, jan./mar. 2021.

SEGOVIA, J. D.; MARTOS, L. D.; MARTOS TITOS, A. **Los biogramas como trama y oportunidad para ubicar y comprender los procesos de desarrollo profesional e identitario.** Revista del IICE /41, Buenos Aires, n. 41, p. 81-96, jan./jun. 2017.